

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



3.589  
52

ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 28 DE FEVEREIRO, 1883.

N. 4.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida à secretaria provisoria do Centro Litterario, rua da Prainha 172, sobrado.

Recebemos durante o mez, os jornaes seguintes, a cujas redacções, sinceramente agradecemos a remessa :

Da Corte : — A *Revista Illustrada*, o *Mequetrefe*, a *Revista do Retiro Litterario Portuguez*, a *Ideia Nova*, o *Jornal do Agricultor*, e, pela primeira vez, o importante orgão dos estudantes da escola militar — *A Cruzada*.

Da Província do Rio de Janeiro : — *Echo da Magdalena*, *Vassourense*, *Monitor Fidelense*, *S. João da Barra*, *Itatiaya*, *Resendense*, *Tymburibá*, *Voto Livre*, *Monitor Campista*, *Fluminense*, o *Arauto* e os primeiros numeros do bem elaborado periodico — *O Artista*, que se começou a publicar em S. João da Barra.

Da Província de S. Paulo : — *Rio Branco*, *Tempo*, *Arauto de Lorena*, *Diário da Tarde*, *Gazeta da Franca*, *Pararangaba*, *Nortista*, *Opinião Liberal*, *Tribuna do Norte*, o *Arado* e a *Situação*.

Tambem recebemos o 1º numero do *Parnazo*, que se publica mensalmente em S. Paulo. Traz bellas poesias.

Da Província do Espírito Santo : — *O Espírito Santense*, o *Horizonte*, o *Baluarte*, e a *Província do Espírito Santo*.

Da Província de S. Catharina : — *A Regeneração*.

Da Província do Rio Grande do Sul : — *O Labaro*, *Gazeta Mercantil* e *Arauto das Letras*.

Da Província do Ceará : — *O Cearense*.

Da Província das Alagoas : — *O Papagaio* e *o Pandego*.

Da Província de Minas Geraes : — *O Arauto de Minas*, *Echo do Povo*, *Gazeta de Uberaba*, e *Rio Branco*.

Da Província da Bahia : — *O Regenerador*, e *o Preceptor*.

Da Província do Pará : — *O Diário de Notícias*.

Da Província de Sergipe : — *O Espião*.

Da Província do Rio Grande do Norte : — *O Brado Conservador*.

A directoria, de acordo com a commissão de redacção e censura, resolveu publicar a *Revista* no fim de cada mez; por esse motivo, deixou este numero de sahir no dia 15, como devia.

Em vista da grande affluencia de trabalhos a commissão pede a todos os Srs. associados que queiram collaborar no 5º numero da *Revista*, o obsequio de mandarem os seus trabalhos até o dia 20 do proximo mez.

Dessa data em diante não será admittido trabalho algum.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro 28 de Fevereiro de 1883.

Por intermedio do Illm. Sr. José Pinto Lisboa, foi-nos enviado, de Portugal, um bello escripto que hoje publicamos, com o titulo : — Luz e progresso —

Vem modestamente assignado — *Uma senhora portuguesa*; mas nós sabemos, e não ha razão alguma para occultar-se, que esse primor é devido á pena da Exma. Sra. D. Henriqueta Elisa da Fonseca — distinctissima escriptora portugueza e socia correspondente do Centro Litterario.

E' mais uma voz ingente e poderosa, que vem-nos incitar a pro-

gredir, e cujas vibrações repercutem-se em nossos peitos juvenis, com a cadencia brillante do harmonioso canto do rouxinol.

Agradecendo á illustrada senhora a distincão honrosa que nos fez, colaborando no nosso modesto orgão, enviamos-lhe d'aqui um caloroso bravo, que S. Ex. deverá aceitar, como exprimindo as nossas felicitações, pelo seu notável trabalho litterario.

Terminando, ousamos esperar que a distinta escriptora continue a honrar nos com a sua collaboração.

## LUZ E PROGRESSO



o seculo dezenove, o trabalho e o estudo formam a base de toda a nobiliarchia social: são os pergaminhos do homem, os brazões que elle doura com as fadigas de seu corpo, os esforços e vigilias de seu intellecto.

Em éras remotas, quando as trevas da ignorancia submergiam em seu espesso sendal, não direi toda, mas pelo menos uma grande parte da humanidade, o trabalho era desdouro; herança unica e exclusiva das raças menos favorecidas da fortuna, escravizadas pelo poderio e valimento dos grandes.

Estes, medravam na ociosidade, disputando entre si primasias de inepcia, pujança physica e nullidade intellectual. Quanto mais ignorante fosse um individuo, tanto mais nobre era a sua estirpe, intoleravel o seu orgulho, pesado e esmagador o seu desprezo pelas classes plebeas, que elle considerava como rebanho de animaes, destinados tão sómente ao cultivo de suas immensas herdades, sob o estimulo do seu chicote, e quiçá da accão de seu cutello. Nos mais fidalgos solares, ignoravam-se os principios rudimentaes de literatura; o mesmo A B C era desconhecido; e, se a cada canto se deparava com um escudo d'armas, ou uma floresta de cacétes, em parte alguma se encontrava um livro, ou uma penna!

Professores, havia-os para todos os exercicios tendentes a desenvolverem os musculos do homem, dando-lhes agilidade e força; para todas as sciencias, capazes de incitar-lhe o arrojo sanguinario e guerreiro. O fidalgo d'aquelles tempos, devia ser um athleta, seguir a carreira das armas e distinguir-se por accões de valentia militar, ou percorrer dia e noite os montados

de seus dominios, dando caça aos animaes e castigando os servos atrevidos ou indolentes.

Eis aqui pouco mais ou menos, os principaes traços da nobreza de então : o povo, esse era o que não podia deixar de ser — um povo de escravos ; massa inerte e imbecil, acorrentada pelo trabalho cujo valor não sabe precisar, porque lh' o não compensam ; subordinado pelo prestigio de uma superioridade que elle não discute, porque lh'a não ensinam a conhecer.

Quanto á classe média, não passava de uma parcella indefinida, n'este cahos social ; sempre em luta com os preconceitos da nobreza, a inveja e animosidade das classes plebeas. Nesses tempos de ignomiosa memoria, um sabio, era mentecapto ; um poeta, um louco ; um innovador inspirado pelo fogo de uma ideia nova, ou de uma concepção sublime, era um feiticeiro ousado, que pretendia annullar a soberania do Architecto Supremo, devassando-lhe o segredo das combinações e igualando-se a Elle.

Mercê de Deus, vai já longe essa éra de um despotismo estupido, que ninguem em nossos dias ousará, creio eu, registrar com saudade.

Hoje, o trabalho é realeza, o estudo honra, o talento — gloria ! Desde o momento em que o homem cahindo em si, vio o que era e o que podia ser, comprehendeu a sua degradaçāo e renegou-a. Elle, o ente perfeito, formado á semelhança de Deus, com faculdades para conceber e reflectir, aptidões para trabalhar e civilisar-se, não ser mais que um ser impensante, um animal inconsciente ? ! Palpou-se e achou em seu braço a força viril que edifica e destróe, dirigida pela razão, impulsionada pela vontade ; sondou-se e percebeu no seu *eu* interior, uma parcella divina, um atomo de esencia creadora, uma, como centelha inspirativa, d'essa grande luz que desce do Creador a reflectir-se na creatura. Então, envergonhado da sua nullidade, comprehendendo que podia ser muito até, encarou com desgosto esse passado esteril e ocioso que nada fructificara em prol de seu porvir, rasgou a venda fatal da ignorancia e procurou o facho que devia irradiar calor e claridade para todas as classes sociaes ! Fez-se alfim a luz no cahos ; a larva tornou-se borboleta, o homem tornou-se uma individualidade conscienciosa, pensadora e independente.

O povo é livre porque se instrue, e o nobre é grande porque não desdenha associar-se ao plebeu, no seu labor quotidiano, ou na concepção dosmais arrojados emprehendimentos !

Eis a redempção pelo trabalho, a civilisação pelo nivelamento das classes, pelo amplexo do estudo, pela associação de muitos individuos n'unico unico esforço, sob uma só idéa, o progresso !

E' este, se me não engano, o lemma da sociedade — *Centro Litterario* — no Rio de Janeiro ; taes pelo menos me parecem as ideias que abrange o programma que acabo de ler na sua primeira *Revista*.

E sendo assim, tão nobres e elevados principios, pensados, sentidos e postos em acção pelos nossos irmãos d'além mar, não podem deixar de acordar um

écho no sólo portuguez, onde elles de ha muito já fructificam beneficos resultados, que serão tanto mais vantajosos, quanto mais formos avançando n'esta cruzada sublime da liberdade e da ideia !

Essa pleiade de moços esperançosos e emprehendedores, alistando-se sob o estandarte glorioso do estudo e do trabalho, a cuja sombra, todos os apostolos do progresso se acolhem e reunem, promette ser util á patria, e pôde ir longe, pôde elevar-se muito, tendo na sua vanguarda, como não ousamos duvidar, bons mestres e sábios conselheiros.

Avante, pois, mancebos arrojados !

Ao vosso grito patriotico e humanitario de liberdade e luz para todas as classes, grito, que é a redempção e pôde ser a gloria de um povo, respondemos d'aqui com um salve dedicado e fraternal !

Associemo-nos que a collectividade faz a força.

Portugal e Brazil são duas nações irmãs ; embora divididas pelo oceano, enlaçam-se pelos mesmos principios, estreitam-se pelo mesmo ideal ; a distancia material não vale nada, quando a homogeneidade moral as approxima.

Trabalhemos pois, trabalhemos juntos, com o socorro mutuo de nossas intelligencias, com o esforço heróico de nosso poder e vontade para o fim sublime, esse fim unico, invejável de cada nação e de todos os individuos — a civilisação pelo estudo, o progresso pelas conquistas do trabalho !

Convicta d'estas ideias é que eu envio ao *Centro Litterario*, do Rio de Janeiro, a cooperação do meu limitadissimo auxilio.

(Portugal.)

UMA SENHORA PORTUGUEZA.

### SONETO

Nº cerebro eriana, senti, oh! sim, um dia,  
avolumar-se um corpo d'extraña proporção !  
Passou-me pelos olhoes á luz da inspiração  
explendido cortejo da loira fantasia !

Ao despontar suave d'airosa aspiração  
que na alma juvenil de longe me fugia,  
Julguei-me transportado, nas azas da poesia,  
á immensidão do bello, ao mundo da razão !

N'aquelle doce enlevo que as mentes arrebata,  
e que á natureza nas almas se retrata  
plena de luz e de explendida grandeza ;

Brotaram-me dos labios, frementes de magia,  
em candidas estrophes de celica harmonia,  
um hymno á minha mãe, um canto á natureza !

DUARTE PORTO JUNIOR,

### A MULHER

A sociedade em geral, injusta e egoista como é, ap propriou se dos direitos concedidos pelo Ente Supremo ao genero humano, excluindo a mulher de partilhar com o homem os trabalhos intellectuaes e physicos, reservando para este unicamente, o mundo, as posições,

os cargos, os postos, etc.; roubando-lhes assim a parte de gloria que lhes poderia caber.

Entretanto, parece que Deus, formando a mulher de uma das costellas do homem, demonstra que ella é da mesma especie e da mesma natureza que elle e por isso apta como elle a receber a mesma educação, partilhar as mesmas idéas e aprofundar como elle as sciencias, as artes, as guerras; sentir, pensar com discernimento sobre qualquer materia, discutir os grandes problemas que ha a resolver, decidir com rectidão e segurança sobre qualquer questão e empunhar as armas para, no momento de manchada a bandeira patria, ter mais forças que a defendessem com amor e maior gloria.

Ora, se a mulher, dotada de intelligencia, muitas vezes superior á do homem, pôde, como elle, conceber uma idéa, pensar e decidir de qualquer questão, qual a razão porque a sociedade lhe retira esse direito?

Entre nós a mulher tem sido até hoje victimas de preconceitos e tyrannias.

Ella é encarada pelo homem unicamente como objecto necessário a seus prazeres, ao uso domestico, (mesmo para o uso domestico querem dizer que não estão aptas,) como alvo de seus caprichos e zombarias, dando-lhe apenas o que elles não pôdem recusar a propagação da especie humana.

Bem ardua missão, em realidade, porém toda material e da qual nenhuma gloria se origina, a não ser a dos trabalhos e soffrimentos.

Entretanto os exemplos nos hão demonstrado, na historia antiga, na média e na moderna, que a mulher pôde aspirar a muito mais e que não permettir-lh' o é rebaixal a a uma condição inferior aquella a que Deus a havia destinado.

Vemos nos primeiros séculos a profetisa Debora, consultada pelo povo Israelita, como juiza ou oráculo que o gujava.

Depois vemos Judith, a valorosa, salvando o mesmo povo da aggressão de Holophernes, em Bethulia; Zenobia, rainha de Palmira, celebre por sua coragem e intelligencia; Brunehaut, princesa illustrada e amiga da civilização, que fundou conventos, abriu estradas, protegeu as artes e procurava destruir os ídolos merecendo um grande elogio do papa Gregorio.

Dido, fundando Carthago, Isabel de Inglaterra, Margarida de Valloias, Joanna d'Arc e muitas outras.

Como litteratas temos Mme. Stael, Mme. Cotin, em França; D. Anna Botelho, D. Bernarda de Lacerda, D. Guiomar Torrezão e Maria Amalia; Catharina II, na Russia e outras mulheres notáveis.

Nos Estados Unidos já vêm aparecendo algumas; aqui mesmo entre nós temos D. Maria Ribeiro, autora dos *Cancros Sociaes* e Narcisa Amalia grande na poesia, autora das *Nebulosas*.

Já vemos, portanto, que a mulher deve ser pela sociedade olhada com mais consideração e por ella animada a trabalhar na litteratura, nas artes, para aparecendo com seus escriptos, com seus trabalhos, tornar-se o ornato das nações, enriquecendo as páginas da historia futura.

11 de Fevereiro de 1883.

JOÃO FONTES.

### SONETO

A UM PURGANTE EM PROSA

(Sem allusão)

**B**OQUIABERTO ficou certo auditório  
Ouvindo o tal *cacete* discorrer,  
E enorme *caceteação* desenvolver  
Por meio d'um extenso palanfrório.

Hoje em dia, é publico e notorio  
E sabemos que já ninguem quer ver  
Qualquer d'esses Ciceros a lèr  
Discursos de sistema «vomitorio».

Um orador qualquer palmas conquista  
Com a lingua e mesmo com a vista  
Ainda que não saiba discutir.

Tribunos assim são os tunantes,  
Que ao acabar os taes purgantes  
Encontram os ouvintes a dormir.

CARLOS FONTELLA.

Rio, 16 de Janeiro de 1883.

### A VIDA

Nascer,  
esp'rar,  
crescer,  
amar ;  
  
lutar,  
temer,  
cançar,  
gemer :  
  
descrever  
soffrer  
cahir ;  
  
viver,  
morrer,  
sumir !

NÊMO.

Rio, 5 de Fevereiro de 1883.

### A' CARLOS FONTELLA



ons discutamos, se isto vos pôde ser agravavel.  
Não haverá vencedor nem vencido, estou certo, porque no fim da pugna apertaremos cordialmente as mãos de amigos, minto, haverá uma victoria, e esta é minha; ganhal-a-á o meu espírito que se terá esclarecido pela luz do vosso; haverá também uma gloria que me pertencerá ainda, — a de ter me batido convosco.

Isto posto, entremos em materia.

A mulher brasileira, educada como é hoje, pôde levantar o espírito nacional, fazendo da nossa patria uma verdadeira familia?

Não; disse-vos eu já da tribuna do *Centro Litterario*.  
Não, repito-vos hoje.

Porém, esta negativa formal é um insulto ás nossas patriciais mães de familia, que alias, em affecto, capricho

e boa vontade, não podem temer, e direi, nem mesmo tolerar o confronto com nenhuma outra. Entretanto esta é a verdade: — não se pode responder afirmativamente à interrogacão daquellea these. Vou porém explicar a minha negativa, e nutro a esperança de que, se o amor proprio das mães de familia brazileiras não lhes permitte confessar que tenho razão, em consciencia hão de concordar commigo, e ficaremos bons camaradas.

\* \* \*

Em geral confunde-se a educação com a instrucción. Este erro de que tambem fôstes vítima é a causa de todo o mal, que permanecerá, enquanto não vos convenceremos todos, de que uma dispensa outra — é-lhe complemento.

Mas quereis ver como nos achamos atrasados n'este ponto? Vão dizer os vossas proprias palavras: « Preparam as mulheres no estudo de grammatica, arithmetica, musica, desenho, etc. E em que servem estes estudios, com os quaes ella se illustra e não se educa?... »

Dizei me, a um espirito esclarecido como o vosso é permittido formular esta interrogativa? Como! nós que vimos discutir uma these confundimos tão ingenuamente as cousas? Vêde bem.

Não devemos censurar sómente, mas indicar tambem os meios que nos parecem dever conduzir ao fim desejado; ou então perdemos o direito de ser ouvidos; seremos considerados pessimistas, gritadores imprudentes que querem demolir sem saber construir!

Mais adiante dizeis: « Com esses estudos ellas não poderão educar filhos; esses estudos dão-se nas escolas e lyceus, onde os filhos irão buscalos quando tiverem idade conveniente. A mulher precisa educalos em casa, e para isso é preciso que ella tenha essa educação para transmitir-lhes.

« A educação para as mulheres ensinarem aos filhos os primeiros passos, isto é, sua criação, todas devem possuir. »

Não vos comprehendo. Exigis que a mulher tenha a educação, e negaes o direito de aperfeiçoar o seu espirito para bem comprehendere essa educação.

Quereis que os filhos busquem as escolas e lyceus, quando não têm quem lhes faça comprehendere a utilidade d'isso, pois que fecham ás maes as portas das escolas! Retrogradaes, ou confundis as vossas idéas.

Estes periodos transcriptos condemnam-vos desapiedadamente. Contradizeis-vos a cada passo.

Não, o que é preciso é que eduje-se e instrua-se a mulher para que ella eduje e instrua os filhos; tenha o espirito bastante esclarecido para comprehendere o quanto lhes deve.

Infelizmente é o que não vemos. Com a educação viciada que se transmite de geração em geração; com a instrucción insufficiente que recebem as mulheres brasileiras, ellas, só tem um objectivo:—encontrar um marido que lhes proporcione meios de satisfazer os pequenos caprichos. Tudo o que fazem, tudo o que pensam tem este objectivo—um marido.

E' que ellas, desde que attingem a puberdade, vem a ser esta a preocupação dos paes,—casal-as.

Não raro ouvireis dizer um pae:— « Já estou velho, caminho para a morte, e não quero deixar minha filha desamparada. E' preciso casal-a. »

Não seria melhor que a tivesse preparado para subsistir só por si, dando-lhe liberdade de esperar o esposo que lhe conviesse, mesmo quando tivesse perdido os paes?

E' esta a independencia que desejo para a mulher. Que ella se sujeite por gosto e não por necessidade.

Falta-me espaço para desenvolver como desejava este assumpto. Voltarei a elle. Entretanto, como vedes, estamos de acordo em um ponto—a resposta a interrogacão da these; sómente são diversas ás razões porque ambos negamos.

A mulher pode ser esposa d'un artesão ou nobre;—não importa a sua illustração, ou antes importa muito;

porque a mulher illustrada saberá comprehendere que—esposa d'un nobre ou d'un artista, o seu valor é o mesmo, desde que seu marido é homem de bem e ella saiba honrar o seu nome e respeitá-lo.

R. MATOLLA.

## SCENAS CAMPESTRES

No bello prado florido  
O pastor adormecido.  
Perto ao rebanho está,  
A companheira fiando.  
Alegre fica velando  
O sonno de seu «pachá.»

Eis que vem um temporal,  
A chuva torrencial  
Parece cruel açoite...  
Elles fogem espavoridas  
E n'uma gruta escondidos  
Contentes passam a noite.

JOÃO J. PINHO E SILVA.

## AS CARTAS



Ào pense o meu humanitario leitor que eu venho aqui desenrolar á seus olhos o immenso mappa de todas as cartas que é de estylo escrever-se ahí por esse mundo de Deus.

Nada! Não sou homem para essas cousas. Pretendo apenas fallar de algumas que merecem mais particular attenção.

A invenção das cartas data de tempos immemoriaes.

Ignoro quem seja o seu inventor e apenas posso affirmar, com a mão sobre brazas, que elle nasceu muito tempo depois de Adão e Eva.

O uso que d'ellas se faz, e o grao de perfeição á que attingiram, provam muito claramente que por cima d'ellas passaram muitos seculos.

Estou plenamente convencido de que ninguem tentou descobrir a sua historia, e eu, como o menos competente para isso, não o farei tambem.

Dito isto, entremos na materia.

D'entre as muitas cartas que o leitor conhece perfeitamente, destacam-se algumas como mais dignas de attenção.

São essas as que são dirigidas ás familias dos signatarios, as dos amigos que pedem alguma cosa empresada e as de amores.

E' dessas tres classes que eu pretendo fallar.

Poderia tambem espraiar-me sobre as commerciales, mas receio tornar-me enfadonho, porque só ellas daram para encher muitas tiras.

Temos em primeiro lugar as cartas á familia.

São sérias, respiram saudades por todos os pontos e virgulas (quando os tem) e tem o seu estylo convencional.

Quando é uma isolada começa invariavelmente por estes termos:

« Meu querido isto ou aquillo.

« Em primeiro lugar desejo que esta o vá encontrar gosando perfeita saúde em companhia de toda a familia. »

Depois o signatario declara que passa como Deus é servido e trata de outros assumptos.

Se porém, é em resposta, muda o caso de figura e as chapas de lugar. Exemplo :

“ Meu, etc., etc.

“ Recebi a sua prezada carta de tantos de tal, e bastante estimei saber que todos gozam perfeita saude.

“ A minha, ao fazer d'esta, é boa graças á Deus.”

Ha excepções, e estas apparecem quando a carta communica haver alguém doente.

Mesmo assim, conheço um sujeito, que, estando de cama, recebeu a noticia do passamento de seu pae, e respondeu distrahidamente á um irmão que lhe dava a dita noticia :

“ Recebi a tua ultima carta e estimei bastante saber que gozas perteita saude em companhia de toda a nossa familia.

“ A minha, ao fazer desta, é boa, graças a Deus.”

Depois chorava a morte do pae e dizia que estava desenganado pelos medicos.

As cartas de familia são, geralmente, escriptas em papel pequeno e quasi nunca vão além de lauda e meia.

Tambem as dos amigos que pedem alguma cosa são escriptas em papel pequeno, mas essas têm margens quasi sempre e são feitas a capricho, para que o destinatario possa ver claramente o que é que se lhe pede.

Nellas se encontra frequentemente estas phrases : *Desculpe o incommodo, é favor, sei que vou me tornar importuno, etc., etc.*

Ha alguns filantes que, para pedirem dinheiro emprestado começam por emprestar á victima os mais retumbantes adjetivos, e depois cahem-lhe em cima com ares de quem quer apenas uma restituição.

Esses, por mal dos seus peccados, quasi nunca são attendidos.

Outros têm vergonha de pedir e não perdem occasião de o dizer na mesma carta em que pedem.

De um destes, contam o seguinte e engracado episodio :

O sujeito quiz pedir á um amigo e escreveu-lhe uma carta.

Antes, porém, de a fechar reflectio que aquillo não era muito bonito, e, como não queria passar por filante, imaginou o meio de se desculpar na propria carta, e escreveu, em *Post Scriptum* :

“ Foi tal a vergonha que tive de pedir-te dinheiro, que corri duas vezes atraz do portador desta, mas de balde, porque não o encontrei mais.”

Passemos agora ás cartas de namorados.

Qual dos leitorés não vio, ou não escreveu ainda uma cartinha de amores ?

Ahi é que a critica teria muito campo, se os criticos não tivessem mais que fazer.

Quando a carta é a primeira ou uma das primeiras, tem-se o cuidado de a dobrar em forma de borboleta e de perfumar-a, pondo-lhe dentro uma florinha qual quer, desfolhada.

Todas elles começam :

“ Meu anjo.”

E acabam :

“ Desculpe a má letra, pois foi escripta ás pressas.”

Ou então :

“ Desculpe os erros, pois, etc., etc.”

Alguns querem se affastar das chapas e eil-os a dizer :

“ Desculpe os erros. Bem sabes que o meu pensamento está em ti, e que, por conseguinte, não pôde estar na grammatica.”

Já vi uma carta que dizia no fim, muito laconicamente :

“ N. B. — Desculpe os hérros.”

Estou, como o leitor, bem certo de que não foi para isso que alguém deu-se ao trabalho de inventar as cartas, mas, como o povo é soberano....

ABEL PORTO.

### ADELINA

**T**u és a branca rosa  
Onde o sol nunca deu,  
E's a linda mariposa,  
que voa da terra ao céo.

Tens da violeta o odor,  
E do pyrilampo a luz,  
Tu és o anjo d'amor,  
Quo a alma ao céo conduz.

E sendo assim formosa,  
Mais bella do que a rosa,  
Mais alva que os jasmins,

Tão plena de perfumes,  
Teus olhos são dois lumes  
Teus labios são dois rubins.

ALVARO BAPTISTA.

### A AMBIÇÃO

(*Historia de hoje*)



COSME Antunes era um rapaz robusto e forte; tão forte e tão robusto como ambicioso. Não era, porém, um ambicioso vulgar, como o gerat dos ambiciosos a quem todos os meios, ainda mesmo os menos confessaveis, servem para chegar a seus fins. Não ! Cosme tinha a ambição honesta, rigidamente honesta, santamente honesta, até.

Em uma aldeia do Minho, á sombra de uns castanheiros seculares, á porta de uma tosca cabana, elle tinha deixado a sua velha mãe que na extrema despedida e entre o ultimo beijo e a ultima benção, lhe disse lacrimosa : — Vae, meu filho ! Nunca te esqueças de mim, e volta breve, que eu não poderei morrer sem tornar a vêr-te !...

E a par da santa mãe desolada, choravam tambem uns olhos negros e grandes da Joaquina, da *Quintella*, que lhe dizia a soluçar : — Cosme, volta depressa ! Eu espero por ti, e te farei feliz.

E, Cosme veio ; chegou e vio, e... quasi venceu como Cesar. Parecia vender saude, como geralmente se diz ao ver-se um rapaz forte e corado, mas não vendia, porque, embora lh'a invejassem e muito, ninguem lh'a comprava.

Tambem elle empregou-a toda, logo, no afan do trabalho incessante e insano. Era ferreiro, e embora imperfeito como todos os industriaes de aldêa, elle atirou-se á bigorna e ao malho. O seu braço era tão vigoroso, que o malho que brandia, esmagava o ferro em lugar de affeiçear. Era porque no retinir do ferro, parecia-lhe ouvir as ultimas palavras de sua mãe desolada : era porque, no chispar do aço incandescido, elle via o lume dos olhos da Joaquina.

Eis porque trabalhava sempre. Em quanto os seus

companheiros de trabalho descansavam, elle malhava, batia, e esmagava sempre. Eis porque a sua ambição era honesta ; trabalhar, ganhar, juntar. Nada mais honesto e natural.

## §

Correu um anno. Cosme era ainda robusto, mas já não era tão corado. O excesso do trabalhar, ia-lhe roubando a saude.

Tambem agora a sua ambição, honesta sempre, tinha tomado outro aspecto ; mas sordido e fatal.

Cada vez mais ambicioso, tornára-se miseravel para si proprio. Não comia para não gastar.

Trabalhar sempre e não gastar nunca, era o novo aspecto de sua ambição já desordenada.

E o seu thesouro crescia : o seu peculio arredonda va-se diariamente.

De official, tornara-se mestre. Tinha officina de camas de ferro ali á rua das Violas : o numero perdeu-se na applicação das placas ; foi um numero *implacavel*.

Mas era ali. Muitos o conheceram e ainda se lembram de o vêr a malhar de dia e de noite, sempre ! Nunca cantava, nem ria, como os outros, mas chorava ás vezes. Eram saudades de sua mãe e da sua Joaquina. Então, cada vez que chorava, trabalhava mais. Em quanto os officiaes iam ás horas do almoço ou do jantar, ao *frége* comer a sua *feijoada* ou a sua sôpa de legumes e o seu peixe frito, o Cosme ia á padaria praoxim, a correr, procurar o pão duro da vespera : era mais barato. Quanto mais duro melhor, melhor. Se tivesse já dous ou tres dias, e o padeiro dêsse tres pães por um vintem, melhor, magnifico !

Punha o pão de molho no café, uma grande caneca de um liquido negro, indescriptivel — a que chamavam café.

Eis o almoço e o jantar de Cosme. Invariavel: café e pão, pão e café. Unicamente aos domingos, dava-se á extravagancia de addiccionar ao seu já descripto jantar, algumas bananas ; mas bem maduras, quasi pretas : são mais saudaveis e sobretudo... mais baratas.

## §

Ao fim de quatro annos, o negocio tinha corrido bem e o peculio de Cosme já era uma fortuninha muito regular. Já podia largar a bigorna e o malho e ir descançar á sombra dos castanheiros sob as bençãos da mãe e nos braços da Joaquina.

E as cartas vinham por todos os paquetes. Vem ! Vem ! diziam elles, cada vez mais saudosas.

Mas o diabo da ambição dominava Cosme. Era já rico, mas queria mais. Depois sonhava, e sempre a malhar forjava castellos esplendidos, phantasticos !

Compraria campos, quintas, e vinhedos. Seria um grande lavrador, o maior da sua aldêa, e teria muitos creados :

Seria regedor, e talvez vereador da camara, e commendador. Teria casa no Porto, e faria um figurão ao lado da Joaquina, rica e invejada. Uns deslumbramentos, rubros como o ferro que malhava, faiscantes como o aço que limava.

Mas agora já não vendia saude ; compraria até, se alguém lh'a vendesse... barato. Já não era moço, nem forte, nem robusto. O trabalho incessante o tinha gasto, e o *café e pão* tinha-lhe trazido ao estomago a gastralgia, a despepsia, e tudo quanta a economia pôde fazer terminar em — ia, — em um estomago enfraquecido e atrophiadô. Então teve medo ! Do alto vertiginoso dos seus castellos phantasticos, Cosme deitou um olhar para o futuro, e teve medo.

Viu-se pela primeira vez a um espelho, e reuou horrorizado. — Não se reconheceu. Estava pallido, velho, acabado.

Soffria coicas e dores horriveis no estomago.

Chamou um, dous medicos ; dos melhores, mais afamados. Recommendaram-lhe que se alimentasse delicada e confortativamente. Bifes sangrentos e uns calices de porto velho, ou de madeira.

Tentou, a muito custo, experimentar, e o estomago revoltou-se. Sobreveio-lhe uma indegestão que quasi o matou. Parecia que taes revoltas eram umas vinganças tão longamente premeditadas, como longas tinham sido as abstinenciaas forçadas.

E, cada vez a peior, o Cosme já não podia trabalhar ; a custo se arrastava. Tinha vertigens e syncopes, e colicas terríveis. E os medicos, aconselhavam a principio e ordenavam depois, o immediato regresso á patria, e o uso das Caldas de Vizella e da Rainha e banhos de mar, etc. N'este ponto, chegaram cartas da velha e da Joaquina.

Aquella, cada vez mais velha e doente, receiaava fechar os olhos para o sonno eterno, sem vér o seu Cosme querido e tão ardenteesperado. Esta, cada vez mais saudosa, receiaava o esquecimento do seu escolhido.

Cosme, resolveu-se emfim ! Partiria.

Vendeu a fabrica e realizou seus haveres. Saccou sobre a agencia de sua villa e sobre o banco filial do Porto.

Metteu as letras na carteira, e alguma roupa, a pouca que tinha, na mala, e tomou passagem no — Mala real — para Lisboa.

No dia da partida despedio-se dos seus antigos officiaes, companheiros e de muito poucos amigos que tinha, e partio para bordo.

Subia, já, a custo, a escada do paquete, quando a colica o atacou, e cahio em convulsões horriveis.

Ampararam-no, quizeram soccorrel-o, foi inutil, estava morto !

A ambição tinha-o matado !

5 — 2 — 83.

DUARTE PORTO.

### NAUFRAGIO DO „FELIZ DESTINO“

Não viria juntar-me aos mais distintos consocios, se não fosse o entusiasmo que me causou o todo da terceira *Revista do Centro Litterario*; e é por isso que me animo a primeira vez a escrever, para assim ter jus á parte que me possa caber na grande tarefa que nos está confiada; reconhecendo porém, a minha pouca cadencia para as letras, a todos peço benevolencia.



Passava o dia 14 de Abril de 1877, e levava já quatorze dias de viagem o brigue *Feliz Destino*, procedente do Porto para o Rio Grande do Sul.

Navegava em mar de rosas ; dir-se-hia que nem balouçava, tão pequeninas eram as ondas, ia com todo o panno pois que tendo vento a feição, não lhe custava muito alcançar oito a dez milhas por hora.

A tripulação tinha ido ás duas horas da tarde para o tombadilho, coser velas, e parecia lér-se em todos os semblantes verdadeira satisfação e alegria, pois que não tinham tido um dia de calmaria nem de mau tempo. O capitão, que era quem estava de quarto, passeiava a barlavento aonde não havia ninguem que o incomodasse, porque os marinheiros estavam a sotavento ; sómente de vez em quando chegava á amurada espraiando a vista pelo horizonte, para vér se havia algum indicio de tempestade, ou então chegava até a bitacula vér o rumo que o navio levava.

Seriam sete horas da noite e já tinham ceiado, reconheceu o capitão que para o sul formavam-se umas

nuvens negras, serravam-se os horizontes, o que tudo dava indícios de haver mudança de tempo.

Por prevenção o capitão mandou ferrar a vela grande, traquete, joanete e sobre, deixando ficar o resto do pano para a marcha regular do navio. Às oito horas veio rendel-o o primeiro piloto, conservando o navio da mesma maneira como o capitão o tinha deixado, quando, meia hora após, estando a noite muito escura, principiou a cahir uns chuviscos e o vento soprava com violencia; o piloto mandou ferrar o pano todo e cassar. A marinhagem apressa-se em executar aquella ordem e um moço de prôa que estava a cassar a giba estando descuidado e mal agarrado ao cabo da mesma vela, e tambem por ter o navio dado um balanço em falso, cahio ao mar.

Um tufão violento anunciou o começo da tempestade e faz com que o piloto mande ir dous marinheiros ao leme; d'ahi por dous minutos uma segunda rajada de vento mais forte do que a primeira, adorna a um lado e, como fosse muito subito, fez com que um marinheiro que estava em cima do castello cabisse ao mar, não dando ninguem pela sua falta, os marinhiros agruparam-se ao pé do mastro grande, faziam preces e promessas a Nossa Senhora da Boa-Viagem, uns promettendo o importe da vela grande, outros andariam com a vela de estaes pelas ruas do Rio Grande esmolando e o producto seria para a Senhora

Era confusão completa e terrivel. O piloto, por seu turno olhava para o horizonte como que invocando a Deus para que o inspirasse.

A terceira rajada, mais violenta do que as duas primeiras, por felicidade não fez perder nenhuma vida, mas fez com que o navio desse um balanço tamanho, que abriu agua, e tendo reconhecido o piloto não o poder salvar, mas ainda assim mandou seis marinheiros acudir ás bombas e chamar o capitão.

Este tomou o commando do navio e o piloto de machado em punho principiou a cortar os mastros, pois que parte dos mastaréos já se tinham desligado das pegas; como o navio mettesse muita agua por ser o rombo muito grande o capitão mandou largar as bombas e que a gente fosse arriando os escalerres e a lancha que estava no meio do convez do navio, e foi ao seu camarote, tirou umas duzentas libras meteu-as em um cinto de couro e os papeis concernentes ao navio, mandou que a gente saltasse para os escalerres e lancha, unico refugio n'aquellas paragens, sendo o ultimo a saltar para o escaler. Chegaram a ilha da Madeira depois de 10 dias de penosa fadiga e incessante trabalho.

E' sempre pallida e fria a descripção de um naufrágio na grandiosa confusão dos elementos desencadeados e convulsos.

Todos os horrores que podem abalar a natureza humana passam á vista do naufrago. Como o homem soberbo e altivo, reconhece a pequenez do seu nada perante a grandiosa magestade do oceano irritado pelos aços de tormenta violenta. Ali n'aquelle pelejo de horrores, o philosopho perde a calma e chora e reza.

Ali o ateu ergue ao céu olhares piedosos supplicantes e invoca fervoroso o Deus que negará e escarnecera, ao passo que o crente espera e tem fé.

Rio, Fevereiro 1883

J. LOPEZ MARTINS.

### CAHIR DAS NUVENS

No leito de dores, prostrado  
Estive, quasi um mez;  
E pensando, desanimado,  
Dizia: — vou d'esta vez!

Mas o Deus Omnipotente  
Fez milagre consummado:  
N'um dia — muito doente —  
No outro dia — curado! —

O medico que me tratou,  
Ao saber da novidade,  
Muito contente exclamou:  
— Sou grande capacidade!

— Mas porque, senhor doutor,  
Faz favor de me dizer?  
— Porque!... Saiba o senhor:  
« Esteve quasi a morrer;

« A vida deve aos remedios  
« Que por serem apropriados,  
« Debellarão o seu mal,  
« (Por mal dos meus peccados)»

— Não creio, doutor, não creio...  
« Vê esse armario? — Já vi.  
« Pois bem: os seus remedios  
« Estão intactos, alli!!

J. REIS.

### PERJURIO

|            |             |             |           |
|------------|-------------|-------------|-----------|
| A' ingrata | inconstante | qu'o amante | maltrata, |
|            |             |             | retrata   |
|            |             | a serpente  |           |
| que mata;  | mordente    |             |           |
| e illeso   | desprezo    | profundo,   |           |
|            |             |             | carezze,  |
|            |             | merece,     |           |
|            |             | no mundo!   |           |

NÉMO.

Fevereiro 5—83.

### A'S MULHERES

Alto frete!... escandalo, devassidão!  
P'ra onde marchas sem regimem sem governo?  
Basta. Já estaes longe do termo,  
Do erro perto e da torpe perversão.  
Já em vaidosa e desvairada agitação  
Vos conduzis ao vil engano (O' Eterno!)  
O' illusões insanas que em moderno  
Tempo o mundo botaes á perdição!  
O' talentos caridosos e sensatos  
Ponde freio á astucia feminina,  
Não sejaes tão modestos e pacatos.  
Do contrario é horrivel nossa sina,  
Occultar-se-hão as vergonhas pelos mattos  
E nas cidades a perversão canina.

ELEUTERIO D'AGUIAR.

# impossivel!

(Facto real e hodierno)

Era um dia um velho tonto,  
que ao pezo dos oitenta annos,  
já tinha o corpo curvado  
para o chão da eternidade ;  
mas, da mente enfraquecida,  
não tinha ainda apagado  
os gozos e os desenganos  
da tréfega mocidade !

E, vio creança gentil  
que lhe inflamma o pensamento:  
que realisa um ideal  
que o velho tinha sonhado !

E... foi á face do altar  
proferir o juramento  
de um matrimonio *immoral*,  
desigual, disparatado !

Ella, era a estação das rosas;  
aurora de luz e flores,  
nivea cecem de candura,  
aljofar do arrebol !

Elle, era o gélido inverno :  
corpo crivado de dôres,  
que busca na sepultura,  
um repouso, ao pôr do sol !

Embora ! Houve sacerdote  
que em nome do Evangelho,  
da eterna lei da igualdade,  
perpetrou o attentado,  
de unir por juras inuteis,  
o *crepusculo* do velho,  
á *aurora* da mocidade:  
o porvir e o passado !

Uma tarde, o vendaval  
derribou o tronco adusto ;  
e ao velho acabrunhado,  
reduzio á terra, ao pó !

É a inconsciente creança  
vio-se, sem pezar, sem susto,  
espoza, sem ter casado,  
virgem, viúva e avó !

Avó ! sim ; que o octogenario  
tinha próle numerosa,  
que fugira indignada,  
ante a loucura fatal  
d'aquele ancião caduco  
cuja mente — duvidosa  
trazia todo ocupado  
n'aquele enlace *immoral*.

Na descendencia do velho  
havia um mancebo airoso,  
enamorado e gentil :  
alma aberta ás illusões ,  
que ás tardes pedia ás brisas  
terno queixume saudoso,  
e ás puras manhãs de abril  
confiava inspirações !

E vio a infantil *avó*,  
rosa de ethereo perfume,

— aurora de luz e flores —  
envolta no crepe e dó !  
da viuez no negrume,  
qual gota crystalisada,  
em doce manhã de amores !

Ella, o arrebol que resplende,  
elle, a aurora que nascia,  
tinham magos devaneios  
de ignotas esperanças :  
e os effluvios das brizas,  
plenos de amor e poesia,  
davam suaves enleios  
áquellas gentis creanças.

Amaram ! creanças loucas,  
sem calculo, sem reflexão :  
e julgaram-se felizes  
n'aquelle doce união !

Mas... em nome do Evangelho  
da moral, e... da razão,  
erguem-se *austéros* juizes  
e bradam, terríveis : — não !

— Tu, és avó, elle é neto,  
e vosso amor monstruoso ;  
vossa união immoral,  
perante a religião !

— Esse amor é vã loucura  
de desejo incestuoso !  
E' mais um crime infernal  
de eterna condenação !

E, aquellas almas irmãs  
que a natureza ligára,  
— da grande lei da attracção,  
com um laço indestructivel,  
immersas em desespero  
gemem sob a sorte amara  
que lhes mostra o impossivel  
aonde a Igreja diz — não !

Buscam, perfida a esperança,  
outras leis, outros preceitos,  
outra fé e caridade,  
outra crença, outra razão :

— E, perante o « eterno » Deus  
foram seus votos aceitos ;  
e em *perfeita igualdade*,  
se consumou á união.

Mas... esta Igreja implacavel,  
que, sem fé e sem moral  
liga á um velho uma creança  
por um juramento risivel,  
contra as leis da natureza,  
póde, corrupta e venal,  
calcar a fé, a esperança  
ao brado de um — impossivel ?

Não ! Apostolos hypocritas  
de um evangelho de luz !

Não ! Avaros mercadores  
dos templos de amor, de paz !

Vós, já não sois os discípulos  
do meigo e doce Jesus !  
Vós- sois uns vis impostores.  
Atraz, tartufos, atraz !

NÈMO.